

ARQUIVOS E FONTES DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA EDUCATIVA

Autor(es)

ALLINE CRISTINA BASSO; LUCCAS ESCHER GUARASEMINI

Introdução

Dominando a produção histórica de 1880 a 1945, o positivismo deixou no campo da História marcas interessantes. Segundo esta corrente de ideias a função do historiador seria recuperar eventos, suas interconexões e suas tendências através da documentação para fazer-lhes a narrativa. As coisas, para os positivistas, falam por si, não sendo necessário ao historiador interpretá-las. Neste sentido, esta concepção acabou por destacar a importância da documentação, o que levou a incentivar a criação e manutenção de documentos e arquivos. Pensando na emergência dos primeiros museus de educação Felgueiras (2011), destaca o contexto das exposições universais. Considerando que estas primeiras experiências procuravam ser vitrinas das novidades e saberes produzidos no campo educativo, desde teorias e métodos de ensino, livros, coleções de materiais (alguns para estudos experimentais em educação), mobiliário e normas de higiene (p. 71), contatava-se uma simbiose entre necessidades do sistema educativo, dos docentes e dos setores econômicos com interesse na produção de bens (p.70). A autora destaca o desenvolvimento dos museus escolares entre a Exposição Universal de Viena (1873) e a Exposição Universal de Paris (1878), onde, segundo a autora, já apareceram museus feitos pelos professores ao lado de outros produzidos pela indústria, com vistas ao fornecimento de material às escolas. É importante lembrar que foi em meio a este cenário que os primeiros museus pedagógicos foram criados. Nesta época tais museus serviam mais como signos de um futuro progressivo e não como testemunhos de passados. Eles são antes mediadores para a construção do conhecimento e de sentidos, e o objetivo destas exposições parecia ser recolher informação sobre diversos sistemas para que fosse possível estabelecer comparações, hierarquizar. (FELGUEIRAS, 2011 p. 87). No Brasil, segundo Saviani (2011) a Reforma Leôncio de Carvalho (1879) levou bem mais longe a inclusão de dispositivos referentes ao funcionamento da educação nas províncias, explicitado na Reforma Couto Ferraz (1853). Esta Reforma contempla uma série de dispositivos bem como a fundação de bibliotecas e museus pedagógicos e de bibliotecas populares, e institui o ensino indutivo com Lições de Coisas no currículo das Escolas Normais e Noções de Coisas na escola primária. Ainda pensando na constituição de acervos educacionais Felgueiras (2011), entre os anos 1960 e 1970, lembra que a educação ganhou relevo e a massificação impôs transformações nos sistemas de ensino; esta mudança levou a um cuidado particular com a constituição de coleções, guarda de espólios e também com a criação de novos museus de educação. O conceito de patrimônio antes relacionado a objeto valioso alarga-se para incorporar a tradição, constituída de memórias, artefatos e valores que, investidos nos objetos, os tornam um legado com valor imaterial (p.74). E o arquivo, o museu e a biblioteca ressurgem integrados no estudo e na guarda, no tratamento e na divulgação de fontes documentais salvaguardando fragmentos da memória educativa. De lá para cá muita coisa foi mudando no campo historiográfico, e novos estudos se realizam e anunciam novos elementos, acrescentando novos temas às pesquisas históricas. Peter Burke tentando definir esta Nova História diz que o movimento está unido apenas naquilo que se opõe.

Objetivos

Este texto pretende discutir sobre a importância da preservação do patrimônio educativo e seus acervos por meio de divulgação de fontes e constituição de arquivos para a História da Educação, procurando perceber os significados das

atividades de preservação para a historiografia da educação, bem como suas relações com a Educação Histórica e as tendências historiográficas atuais.

Desenvolvimento

A nova História passou a se interessar por virtualmente toda a atividade humana, já que tudo tem passado e em princípio pode ser reconstruído e relacionado ao restante do passado. A base que sustenta esta hipótese é a definição filosófica da nova história, a ideia de que a realidade é social ou culturalmente construída (p.11).

Assim, a partir da concepção da Nova História o papel do historiador envolveu territórios até então esquecidos pela história, propagando-se em várias direções para pesquisa e envolvendo-se com diferentes ciências. E, neste cenário, a história da Educação cada vez mais incorpora os instrumentos da nova história cultural. É preciso lembrar a recente aproximação da História da Educação com os temas da Nova História, em que "o mesmo movimento que orientou as mudanças de direção na historiografia de uma forma geral atingiu a História da educação", levando-a então a "considerar outros objetos e outros problemas para além das tradicionais história das ideias pedagógicas e história das políticas educacionais" (FONSECA 2003, p. 60/61).

De fato, como se sabe, a Educação passa a ser entendida cada vez mais como um elemento que não é fenômeno isolado da sociedade. Toledo (2009) a esse respeito considera que "seja ela escolar ou não, pública ou privada, insere-se na intrincada teia das relações sociais e das instituições". Como fenômeno social ela não pode ser entendida sem o concurso das demais áreas do conhecimento. "A Educação necessita referir-se à cultura, à tradição, ao meio social, e às relações econômicas para produzir, enfim, conhecimento, e um conhecimento localizado nos indivíduos, seres sociais, historicamente considerados" (p. 120).

Neste cenário a importância da preservação de fontes e constituição de acervos se torna mais tônica. Como considera Mogarro (2005) as novas vertentes de análise e da historiografia da educação obrigam a uma renovação dos olhares sobre os documentos e uma abertura teórico-metodológica que incorpore as estimulantes informações que eles disponibilizam. Em suas palavras, considera "urgente localizar, sistematizar, organizar e divulgar essas fontes, problematizando-as e validando-as, de forma que elas possam alimentar os novos temas e objetos de estudo incluídos no campo científico da história da educação" (p.88). Tal ação propiciará tornar de interesse da História da Educação diversos documentos, sinalizando os argumentos de Felgueiras (2011) no sentido de que estas fontes tragam traços de "elementos que podem ajudar a reconstituir as vivências escolares e as finalidades do ensino e da aprendizagem, assim como a vida da profissão docente de uma dada região" (p. 81).

Percebendo a importância que a nova história cultural e intelectual tem assumido no campo científico da história e também da história da educação Mogarro (2005) considera que seus instrumentos teóricos e metodológicos permitem abordagens adequadas às novas problemáticas da História da Educação. A reinvenção dos terrenos de pesquisa, a incorporação de novas fontes, garantem um "apetrechamento" de antigas abordagens de matriz essencialmente sociológica. E "nesse sentido, a pesquisa histórica não se centra apenas na materialidade dos fatos, mas também nas comunidades discursivas que os interpretam e os inscrevem num tempo e num espaço determinados" (P. 90).

Entretanto destacando a necessidade de preservação de acervos Felgueiras (2011) indica suas proximidades com o exercício da cidadania. Não sendo apenas uma necessidade de investigação, "como também uma responsabilidade de cidadania em preservar os elementos, capazes de permitir a elaboração de uma memória

coletiva" (p. 76). Estes espaços de guarda de documentos "visam colocar à disposição do público uma herança educativa, que permita um diálogo entre o passado e o futuro da educação, simultaneamente individual e coletivo, com os especialistas e com o público comum (...)" (p. 80).

A demais, como nos lembra Le Goff (2003) o documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, "é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder" (p.536). De forma que o documento não é algo pronto, é "antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mais também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver (...)" (p.538).

Em meio a tais argumentações uma diversidade de acervos vem (apesar de todos os desafios) se constituindo. Pensando na importância direta dos Acervos Escolares, Mogarro (2005), considera que estes são "repositório das fontes de informação diretamente relacionadas com o funcionamento das instituições educativas, o que lhes confere uma importância acrescida nos novos caminhos da investigação em educação" (p.75). Mais do que registros da experiência de uma instituição são eles bons 'porta-vozes' dos vários discursos que são produzidos pelos "atores educativos – professores, alunos, funcionários, autoridades locais e nacionais" (p.77).

Constituídos por documentos, como sugere Mogarro (2005) "geralmente em suporte de papel, organizados em livros, dossiês e avulsos, produzidos pelos atores educativos e pela própria instituição, no âmbito das suas atividades e a um ritmo que podemos considerar quase quotidiano" (p. 78) os arquivos escolares podem conter registros mais íntimos, da vida privada fruto de arquivos particulares de antigos alunos e professores. A conservação desses documentos ao longo de uma vida e a emoção com que são revisitados "pelos seus detentores/produtores evidencia a importância que as pessoas atribuem aos processos escolares e formativos nas suas histórias de vida, assim como aos percursos profissionais, no caso dos professores" sendo hoje insubstituíveis para construir uma imagem mais rica, completa e objetiva da educação (p.87/88).

Inserindo os pesquisadores de História e de História da Educação nesta perspectiva de renovação e ampliação, Lima (2011) trata do assunto em sua pesquisa realizada em torno do acervo pessoal formado por Jerônimo Arantes (1892-1983). Lima investiga os meios empregados por Jerônimo para obter o acervo, os usos possibilitados e o que foi realizado pelo pesquisado, a partir da consulta aos documentos, às próprias informações impressas nos diversos papéis que compõem o seu acervo bem como às representações que tocam tanto o conteúdo quanto a seleção de material arquivado, demonstrando assim como são "diversas possibilidades de caminhos existentes para se pensar e escrever sobre o passado" (p. 326).

Resultados e Discussão

Apesar da importância e diversidade de acervos educacionais não é fácil sua constituição e manutenção, centros de documentação e museus, prontos a garantir a preservação e acessibilidade a documentos tão diversificados. Em primeiro lugar o trabalho histórico na sociedade atual é incansável luta uma vez que se atua "no sentido de evitar a amnésia da sociedade atual marcada por incertezas e perspectivas indefinidas" (BITTENCOURT, 2009, p.14). Por outro lado, o recurso onipresente da informática e a ênfase para tudo ser mostrado on-line, cria um problema de gerência em que se torna difícil e delicado fazer a opção entre os meios informatizados e a conservação de acervos.

De fato, os arquivos escolares têm emergido nas últimas décadas como temática recorrente no campo da história da educação. O interesse pela singularidade no tratamento das diversas fontes garante um contínuo diálogo com outras áreas do saber e, conforme salienta VIDAL (2005), "tais interlocuções têm ampliado ainda mais o horizonte do trabalho em história da educação, ao mesmo tempo provocando fissuras no que se considera a seara do historiador e questionando fronteiras disciplinares" (p.72). E se mostra fundamental as discussões sobre a constituição de acervo e preservação de documentos com vista a tornar o "arquivo vivo" (cf. VIDAL, 2005) tanto pela participação de alunos e professores na atividade de organização e guarda do acervo quanto no uso de documentos escolares em salas de aula.

Referências bibliográficas

BASSO, Aline Cristina. Algumas concepções de ciência e história e seu percurso pela historiografia. 9º Congresso de Pós-Graduação. Anais. 9ª Mostra Acadêmica, UNIMEP, 2011.

BITTENCOURT, Circe. Capitalismo e cidadania nas atuais propostas curriculares de História. IN: BITTENCOURT, Circe (org). O Saber histórico na sala de aula. 11. Ed., 3ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2009 – (Repensando o ensino). Pp. 11-27.

BURKE, Peter. A Escrita da História: novas perspectivas. Ed: UNESP, 1992

FELGUEIRAS, Margarida Louro. Herança educativa e museus: reflexões em torno das práticas de investigação, preservação e divulgação histórica. Revista Brasileira de História da Educação (RBHE), Campinas-SP, v.11 n.1, p.67-92, jan/abr.2011.

FONSECA, Thaís Nívia de Lima e. História da Educação e História Cultural. IN: FONSECA & VEIGA (orgs.). História e historiografia da educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 49-75.

LE GOFF, Jacques. Documento / Monumento. IN: História e Memória. 5ª edição – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003 [pp. 525-239].

LIMA, Sandra Cristina Fagundes. Arquivo pessoal como fonte para a História da Educação: Coleção Professor Jerônimo Arantes, Uberlândia-MG (1919-1961). IN: História da Educação do Brasil: Matrizes interpretativas, abordagens e fontes predominantes na primeira década do século XX. Vitória: EDUFES, 2011. Vol. 5 pp. 323-355.

MENEGHETTI; BOAVENTURA; BASSO; GUERRINI. NEPEME: Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Educação Metodista. In. Anais: IV Seminário Vozes da Educação. Rio de Janeiro, H.P. Comunicação Editora, 2010.

MENEZES, Maria Cristina. Descrever os documentos – construir o inventário – preservar a cultura material escolar. Revista Brasileira de História da Educação (RBHE), Campinas-SP, v.11 n.1, p.93-116, jan/abr.2011.

MOGARRO, Maria João. Arquivos e educação: a construção da memória educativa. Revista brasileira de história da educação nº 10 jul./dez. 2005 Pp. 75-99.

SAVIANI, Dermeval. Cap. VI Desenvolvimento das ideias pedagógicas leigas: ecletismo, liberalismo e positivismo (1827-1932). IN: História das ideias pedagógicas no Brasil. Campinas, SP: Autores Associados, 2011, pp. 115- 184.

TOLEDO, César de A. A de. & GIMENEZ, José Carlos. Educação e Pesquisa: Fontes e Documentos. IN: LOMBARDI, CASIMIRO e MAGALHÃES (orgs). A Pesquisa e a

Preservação de Arquivos e Fontes para a Educação, Cultura e Memória. Campinas, SP: Editora Alínea, 2009. Pp. 109-125.

VIDAL, DIANA. Apresentação. Arquivos escolares: desafios à prática e à pesquisa em história da educação. Revista brasileira de história da educação nº 10 jul./dez. 2005 pp. 71-95.